



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DEJANEIRO

Carteira de Investimentos dos Brasileiros

Vitor Vasquez Vieira da Silva

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Graduação em Administração de Empresas

Rio de Janeiro, junho de 2019



Vitor Vasquez Vieira da Silva

Carteira de Investimentos dos Brasileiros

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao programa de graduação em Administração da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Administração.

Orientador: André Cabús Klötzle

Rio de Janeiro, junho de 2019

Resumo

Este trabalho busca entender melhor como os brasileiros vêm montando suas carteiras de investimentos e se estão se informando o suficiente para tomar decisões de investimentos. Além disso, o estudo foi montado com o intuito de entender os hábitos dos brasileiros e apresentar alternativas. O trabalho compara a pesquisa da Anbima “Raio X do Investidor Brasileiro” com uma pesquisa quantitativa de autoria própria. A intenção da comparação é entender se o “futuro do Brasil”, os universitários, vêm repetindo hábitos da população em geral ou não.

Palavras-chave:

Carteira de investimentos, hábitos, decisões de investimentos, pesquisa quantitativa

Abstract

This paper seeks to understand better how Brazilians have been setting up their investment portfolios and if they are informing themselves enough to make investment decisions. In addition, the study was set up to understand the habits of Brazilians and to present alternatives. The study compares Anbima's "Raio X do Investidor Brasileiro" research with a quantitative research of own authorship. The intention of this comparison is to understand if the “future of Brazil”, the university students, have been repeating habits of the general population or not.

Key-words:

investment portfolio, habits, investment decisions, quantitative research

Sumário

1 . Introdução	1
1.1. Objetivo Final	1
1.2. Objetivos Intermediários	2
1.3. Delimitação do Estudo	2
1.4. Justificativa do Estudo	2
2. Referencial Teórico	4
2.1. “Raio X” do Investidor Brasileiro	4
2.2. O Tripé dos Investimentos: Risco x Retorno x Liquidez	5
2.3 . Construção de um Portfolio e Diversificação	6
2.4. Produtos Financeiros	7
3. Metodologia	14
4. Resultados	15
4.1. Demonstração de Resultados	15
4.2. Análise de Resultados e Conexão com o Referencial Teórico	22
5. Conclusões	24
6. Referências Bibliográficas	25

1. Introdução

De acordo com o BTG Pactual (2018), o mercado financeiro é, por definição, um ambiente de compra e venda de valores mobiliários (ações, opções, títulos), câmbio (moedas estrangeiras) e mercadorias (ouro, produtos agrícolas). Nessas negociações, estão envolvidas diversas instituições, que facilitam o encontro entre agentes e regulam e fiscalizam as transações.

Esse trabalho tem o intuito de abranger o tema de hábitos de investimentos brasileiros e atuais alternativas. Além disso, a ideia do estudo é comparar o estudo da Anbima sobre o investidor brasileiro com a amostra de universitários brasileiros para poder verificar se os novos investidores seguem o padrão do brasileiro em geral. Sendo assim, serão trabalhados os tipos de investimentos dos mais diferentes tipos e serão sempre comparados os investimentos enquadrados no mesmo nível de risco. O estudo busca questionar o conhecimento sobre a importância de uma carteira de investimentos balanceada, a relação entre risco e retorno e o conhecimento em geral sobre informações fundamentais para se investir.

Portanto, o questionamento que deve ser levantado é: Os brasileiros estão tomando decisões de investimentos com o devido embasamento? Vão continuar tomando as mesmas decisões da mesma forma?

1.1. Objetivo Final

O objetivo final deste trabalho é demonstrar como os brasileiros e universitários especificamente operam suas carteiras de investimentos, qual o perfil médio de investimentos e as alternativas de carteiras. A ideia é comparar universitários com os hábitos de investimentos brasileiros demonstrados por agentes reguladores e educadores do mercado.

1.2. Objetivos Intermediários

- Avaliar conhecimentos básicos do brasileiro de economia e de funcionamento do mercado financeiro;
- Apresentar alternativas para cada nível de risco e analisar a relação risco x retorno.

1.3. Delimitação do Estudo

O estudo será delimitado em opções de investimentos populares no Brasil. Será utilizada a base da Órama, que tem uma grande quantia de fundos e títulos de renda fixa. O estudo não abrangerá a compra e venda de BDRs, ADRs, mercados futuros e derivativos avançados, pois são produtos mais sofisticados e pouco populares entre a maioria dos brasileiros. Para a comparação entre os níveis de risco mais diferentes, serão utilizados principalmente fundos de investimento e títulos de renda fixa, tendo em vista todo o estudo apresentado, que descreve os produtos de maior aderência no mercado. O público-alvo da pesquisa quantitativa realizada será de estudantes brasileiros ou recém-formados de 2017 em diante.

1.4. Justificativa do Estudo

Este estudo é de importância, pois ele busca destacar tipos de investimentos muito comuns com baixas rentabilidades e indicar diversas alternativas aos mesmos levando em conta o perfil de risco. A desmistificação do mercado é imprescindível para termos uma sociedade que saiba conceitos básicos de finanças e que invista com consciência. Além disso, este estudo também auxilia os players do mercado financeiro na questão de educação dos investidores. A importância do tema no âmbito governamental é buscar através da educação financeira impulsionar a economia brasileira.

De acordo com Mário Mesquita, ex-diretor da área de pesquisa macroeconômica do Banco Central do Brasil e ex-membro do Comitê de Política Monetária (COPOM), a crise financeira global de 2008 pode ser vista, ao menos em parte, como um sintoma de falência da educação financeira. A origem da crise no setor imobiliário americano envolveu pessoas que não detinham ativos, nem renda, nem conhecimento sobre princípios básicos de finanças, tomando empréstimos que não conseguiriam honrar, para comprar imóveis que não teriam condições de manter (MOREIRA, 2013). Essa realidade enfatiza a importância da educação financeira.

2. Referencial Teórico

2.1. “Raio X” do Investidor Brasileiro

De acordo com o site oficial da ANBIMA (2018), o brasileiro ainda carrega uma forte memória inflacionária e também de rupturas no sistema econômico. Assim, explica-se essa percepção de necessidade de alta liquidez sempre, mesmo quando tem um horizonte de prazo longo e mesmo após anos e anos de estabilidade econômica.

Por isso, entre os investidores, 89% aplicam na caderneta de poupança, de acordo com o estudo do Datafolha encomendado pela ANBIMA (2018), que contou com 3374 pessoas e mais de 152 municípios. Mesmo com diversas opções de renda fixa com as mesmas garantias e melhores rentabilidades, o brasileiro ainda persiste no investimento mais tradicional. Além disso, apesar de apresentar essa preferência, a maioria das pessoas não conhece seu rendimento. Somente cerca de 24% da amostra sabiam dizer exatamente a rentabilidade. Outros dados expressivos dessa pesquisa foram os motivos dos brasileiros para investir, em que 54% da amostra apontaram como segurança financeira e somente 16% colocaram a rentabilidade como o principal motivo para investir.

De acordo com a ANBIMA (2018), trata-se do perfil majoritariamente conservador do brasileiro, e é possível notar que muitos temem a ideia de “fazer com que o dinheiro trabalhe para você”. A tabela abaixo ilustra bem a situação brasileira e é separada em três segmentos: “Conhecimento espontâneo” se refere a tipos de investimentos citados e descritos pelo entrevistado sem perguntas prévias, “conhecimento geral” se refere ao conhecimento do entrevistado ao mencionar o tipo de investimento, e a “utilização” se refere exatamente se investem nesse produto.

	Conhecimento espontâneo	Conhecimento geral (espontâneo + estimulado)	Utilização
Poupança	32%	92%	37%
Ações na bolsa	11%	77%	1%
Fundos de investimento	9%	58%	2%
Títulos públicos	8%	43%	1%
Títulos privados	7%	36%	2%
Previdência privada	3%	71%	3%
Moedas digitais	2%	43%	1%
Não lembra	1%	1%	-
Não conhece/utiliza/ pretende utilizar	54%	3%	57%

Figura 1 – Tabela Comparativa de Produtos Financeiros

Fonte: pesquisa Anbima (2018)

2.2. O Tripé dos Investimentos: Risco x Retorno x Liquidez

Para BONA (2018), a liquidez de um investimento representa a velocidade na qual o investidor pode resgatar o valor investido em determinado produto e transformá-lo em dinheiro disponível para uso a qualquer momento.

Analisar e mensurar o nível de risco ao qual o investidor está disposto a se expor na hora de investir é premissa básica para compor uma carteira de investimentos mais sólida e alinhada ao perfil do investidor (BONA, 2018).

Quanto maiores forem as chances de entrega de uma maior rentabilidade, maior tende a ser o risco para o investidor (MOREIRA, 2013). Essa tendência segue também para liquidez e rentabilidade, principalmente quando se tratam de títulos de renda fixa. Tais títulos devem ser levados ao vencimento e, analisando a base de títulos do *site* da Órama Investimentos, por exemplo, é possível verificar que quanto maior o prazo de vencimento, a taxa tende a aumentar. É preciso que o investidor tenha em mente que nenhum produto ou ativo oferece, ao mesmo tempo, esses três alicerces em sua melhor forma ao mesmo tempo.

Sendo assim, é fundamental a estruturação de uma carteira com tipos de investimentos que consigam balancear o tripé mencionado e, desse modo, poderão buscar uma fronteira eficiente entre essas três variáveis que leve em conta o perfil do investidor em questão (MOREIRA, 2013). Para análise dessas opções, é possível entrar em contato com diversos assessores em corretoras como Órama, XP Investimentos, BTG Pactual e Ágora. Vale ressaltar que a consultoria financeira não substitui a educação financeira dos clientes e, na verdade, ela deve ser corroborada pela assessoria financeira.

2.3. Construção de um Portfólio e Diversificação

Analisando o ideal imposto pelo Tripé dos investimentos, muitas pessoas têm dúvidas por onde começar. Considerando os produtos que o estudo pretende abordar, apresentam-se algumas alternativas de investimentos para cada nível de risco, seja conservador, moderado ou arrojado. Idealmente, é interessante começar a se acostumar a investir com produtos financeiros mais conservadores e que tenham boa liquidez para evitar qualquer tipo de trauma. A liquidez é um ponto fundamental no começo, porque é ideal montar primeiro uma carteira de liquidez caso possa precisar dos recursos emergencialmente. Esse passo é muito importante, pois com ele, caso precise dos recursos, o investidor não se sente obrigado a resgatar um investimento de longo prazo que atualmente teve desvalorização e realizar prejuízos. Portanto, deve-se buscar uma alternativa com baixo risco de mercado e com alta liquidez (EXAME, 2018).

De acordo com Espírito Santo (2019), considerando a expectativa da manutenção dos baixos juros atuais com a Selic a 6,5% ao ano, o economista recomendou uma carteira equilibrada

de 50% em renda fixa, 30% em estratégias diferenciadas e 20% em renda variável. Ele ainda reforça que esse portfólio não deve ser fixo e sim variar com o perfil do investidor e, por isso, estabelece níveis máximos e mínimos de investimentos em cada opção, como segue na tabela a seguir:

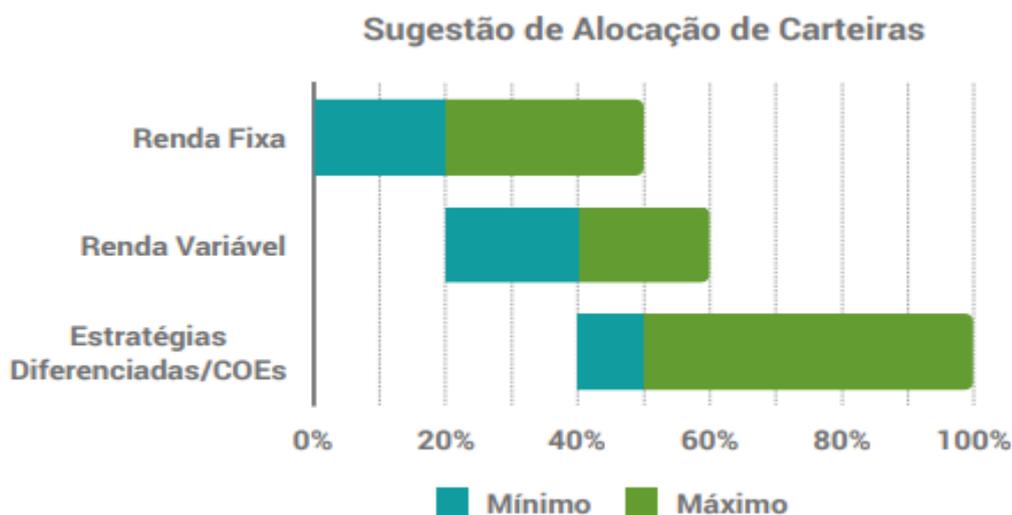


Figura 2 – Sugestão de Alocação de Carteiras

Fonte: E-Book Órama - Cenários e Investimentos 2019 (2018)

Por exemplo, o investidor arrojado é recomendado a se expor até o máximo de 40% do patrimônio em ativos de maior risco, como Renda Variável ou COE – Certificado de Operações Estruturadas, que é uma mistura de Renda Fixa com Variável, considerando o cenário atual. Obviamente, cada perfil deve ser analisado separadamente e a ideia é dar maior liberdade ao montar a carteira, obviamente necessitando de um trabalho individual para montar cada uma especificamente.

2.4. Produtos Financeiros

Analisando os investimentos conservadores, fica evidente que o produto mais desejado pelos brasileiros é a caderneta de poupança. De acordo com o BTG Pactual (2018), por ano, o rendimento é de 6,17% + TR, considerando momentos em que a SELIC está acima de 8,5%, ou 70% da SELIC + TR, quando está igual ou abaixo de 8,5%. A TR é um cálculo complexo que envolve os juros cobrados pelos CDBs nas 30

principais instituições financeiras do país. Nos primeiros meses do ano, variou de 0,03% a 0,17%.

Com a SELIC abaixo de 8,5% atualmente, em que se mantém em 6,5%, o cliente vem recebendo 70% da taxa básica (4,55%, atualmente) + TR. Para exemplificar, em 2017, a poupança apresentou rentabilidade de 6,93%, a qual é uma rentabilidade ainda baixa se comparada com a rentabilidade do fundo Órama DI Tesouro, divulgado no *site* da corretora. Sendo assim, alternativas à poupança são os fundos DI e Tesouro Selic (Exame, 2018).

De acordo com o *site* da corretora, esse fundo DI apresentou rentabilidade de 9,64% no ano de 2017, e mesmo descontando o imposto de renda (do qual a poupança é isenta), ficou acima dos 6,93% da poupança. Esse fundo não consta com a garantia do FGC (Fundo Garantidor de Crédito), mas investe em opções conservadoras e tem liquidez diária. É considerado o fundo mais conservador da corretora Órama. Vale ressaltar que esse fundo DI, junto com um fundo do BTG, teve sua taxa de administração zerada e, portanto, deve passar a render ainda mais, considerando a isenção de cobranças desse tipo (Exame, 2018). O Órama DI Tesouro é um fundo classificado como Renda Fixa Tesouro Selic, com objetivo de seguir a variação do CDI. A carteira do Fundo é composta somente por títulos públicos pós-fixados (Tesouro Selic), ou seja, papéis da dívida do governo.

Além disso, podemos comparar também com diversos títulos de renda fixa, que apesar de não contarem com a liquidez como na poupança, apresentam rentabilidades maiores e contam com a cobertura do Fundo Garantidor de Crédito. Esses títulos devem ser levados até o vencimento. Adiante seguem os exemplos disponíveis para os dias 7 a 10 de dezembro de 2018, no *site* da distribuidora de investimentos Órama (2018):

Emissor	Data da compra	¹ Prazo e vencimento	Taxa (%)	Valor mínimo (R\$)	^{2 e 5} Valor no vencimento (R\$)	^{2, 3 e 5} Rentabilidade ao ano (%)	Comprar
PRÉ FIXADO							
LC 							
Dacasa Financeira	10/12/2018 até 15:00	1806 dias 20/11/2023	11.50% ao ano	10.000,00	17.092,67	11,50	
Dacasa Financeira	10/12/2018 até 15:00	1445 dias 24/11/2022	11.00% ao ano	30.000,00	45.278,83	11,00	
Dacasa Financeira	10/12/2018 até 15:00	1085 dias 29/11/2021	10.50% ao ano	30.000,00	40.300,95	10,50	
Caruana Financeira	10/12/2018 até 15:00	1806 dias 20/11/2023	10.45% ao ano	10.000,00	16.314,51	10,45	
Caruana Financeira	10/12/2018 até 15:00	1445 dias 24/11/2022	10.05% ao ano	10.000,00	14.589,81	10,05	
Caruana Financeira	10/12/2018 até 15:00	1085 dias 29/11/2021	9.35% ao ano	10.000,00	13.024,52	9,35	
Caruana Financeira	10/12/2018 até 15:00	725 dias 04/12/2020	8.35% ao ano	10.000,00	11.724,79	8,35	

Figura 3 – Títulos de Renda Fixa

Fonte: [Site orama.com.br](http://Site.orama.com.br) (2018)

De acordo com o economista Espírito Santo (2019), para opções conservadoras existem algumas alternativas como fundos de debêntures incentivadas. São indicados para os investidores que buscam diversificação e proteção contra inflação no médio e longo prazo. Debêntures são títulos de dívidas de empresas, e no caso desses fundos as debêntures são isentas de imposto de renda para pessoa física. Esses títulos contam com essa isenção por se tratarem de empresas que operam em setores estratégicos para o crescimento do país e, por isso, têm incentivos. Os setores que podem fazer parte dessa categoria são, por exemplo, infraestrutura, construção e energia eólica. Um exemplo é o Órama Debêntures Incentivadas, que entregou cerca de 16,66% líquido nos últimos 12 meses com uma volatilidade por volta de 4% ao ano. O fundo superou no acumulado seu benchmark, o IMA Geral, como consta abaixo:



Figura 4 – Gráfico de Rentabilidade Órama Debêntures

Fonte: Site orama.com.br (2019)

Analisando os *sites* de corretoras como Órama e BTG Pactual Digital (2018), para alternativas de risco moderado existem diversos fundos multimercados, que podem estruturar as próprias regras e apresentam o diferencial da flexibilidade do gestor. Sendo assim, eles estruturam em seu regulamento os tipos de ativos que o fundo pode operar e seguem com as aplicações de acordo com o momento macroeconômico. No mesmo *site* constam fundos com especializações em debêntures incentivadas, com investimentos no exterior e até mesmo fundos quantitativos, que são fundos que operam por um robô.

Um exemplo é o fundo Bahia AM FIC FIM, da renomada gestora Bahia Asset Management, que opera nos mercados de juros, câmbio, bolsa e *commodities*, com base em análise macroeconômica e fundamentalista. Seguindo as informações do portal da Órama (2018), nesse fundo são empregadas estratégias direcionais de longo prazo, assim como táticas de curto prazo. Atua tanto no mercado doméstico como no internacional. Esse fundo vem superando o CDI no acumulado, como consta no gráfico a seguir e apresentou cerca de 2% de volatilidade nos últimos 2 meses:

Rentabilidade

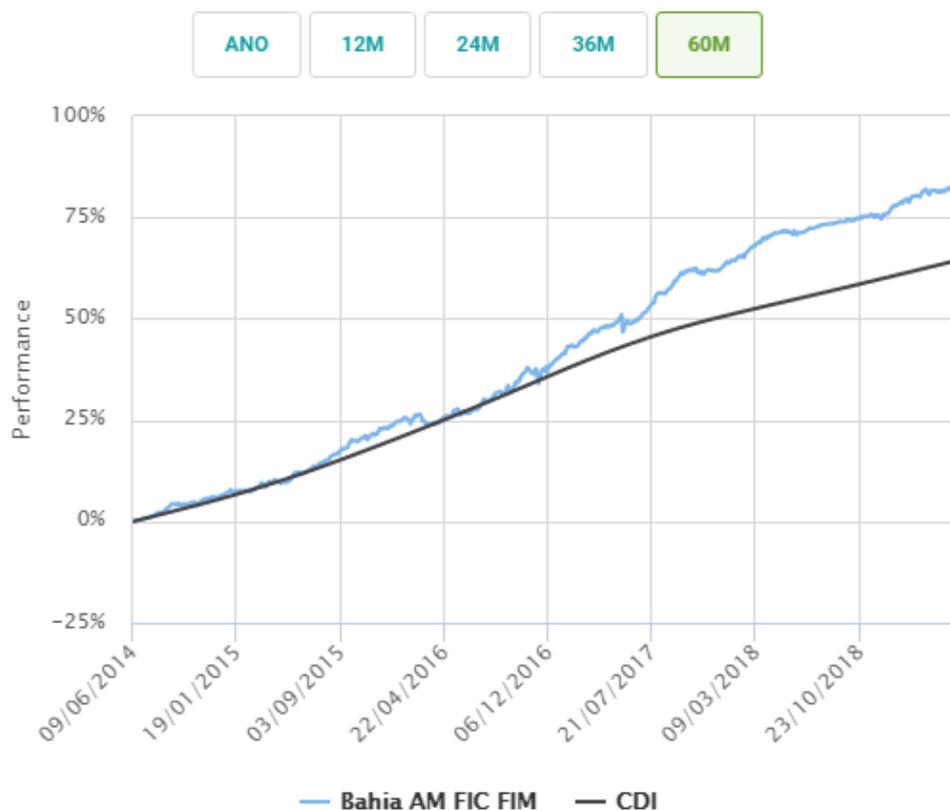


Figura 5 – Gráfico de Rentabilidade Bahia AM

Fonte: [Site orama.com.br](http://Siteorama.com.br) (2019)

Ao analisar opções moderadas, o economista-chefe da Órama, Espírito Santo (2019), ainda recomendou outro tipo de fundo multimercado com estratégia de diversificação geográfica para compor o portfólio. O nome do fundo é Exploritas Alpha América Latina. O Fundo investe em uma carteira diversificada de ações da América Latina - incluindo México, Brasil, Argentina, Chile, Colômbia e Peru. Também compra títulos de dívida de empresas latinas negociados nos Estados Unidos ou Europa, além de oportunidades nos mercados de câmbio e juro real (Órama, 2019). De acordo com o *site* Mais Retorno (2019), o fundo entregou cerca de 176% de rentabilidade nos 5 anos e 1 mês de existência até então e apresenta uma volatilidade por volta de 9% anualmente.

Para opções arrojadas, os fundos de ações são uma opção recorrente. De acordo com Edgar Abreu (EA Certificações, 2018), por definição, um fundo de ações deve operar com no mínimo 67% de sua carteira em ações e, dependendo da análise do gestor em relação à conjuntura econômica, pode variar essa exposição. Para Moreira (2013), os fundos de ações apresentam algumas vantagens para os investidores sem tempo para operar na bolsa ou para leigos, pois com eles, ao invés de operar diretamente ações, o investidor conta com a ajuda de um gestor especializado. Quando se investe nessa modalidade, o investidor confia na experiência do gestor e conta com sua equipe que trabalha para valorizar seu capital (MOREIRA, 2013). Outras vantagens desse tipo de fundo, apontadas por Edgar Abreu (EA Certificações, 2018), são a cobrança da alíquota mais baixa de impostos de 15% sobre os rendimentos no momento do resgate e o fato de não ser cobrado IOF.

Um exemplo de fundo de ações que vem sendo muito mencionado no mercado é o Alaska Black FIC FIA II. Como consta na plataforma da Órama e no regulamento do fundo, ele investe em uma carteira diversificada de ações brasileiras e estrangeiras, juros e câmbio. O investimento nas empresas estrangeiras é realizado via BDRs (*Brazilian Depositary Receipts*) na BOVESPA, como diretamente via ativos no exterior. Vale reforçar que para esse tipo de produto é muito comum verificarmos alta volatilidade; no entanto, isso é premeditado pelos gestores. Isso faz parte da estratégia fundamentalista dos gestores. De acordo com a reportagem do Valor Investe (2019), a estratégia fundamentalista consiste no gestor buscar entender o negócio em que as empresas estão inseridas e se elas apresentam vantagens competitivas significativas para que possam investir nela acreditando no seu potencial de longo prazo. Trata-se de um fundo muito volátil, com cerca de 36% de volatilidade anual (Órama, 2019). Vale ressaltar que a rentabilidade expressiva do fundo não garante rendimentos futuros. Segue a tabela com os resultados do fundo Alaska, que acaba servindo como um bom exemplo para demonstrar a volatilidade do fundo:

Rentabilidade

Em gráfico Em números Panorama

Rentabilidade do fundo

%	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
2019	16,65	-2,73	-6,07	-3,47	-2,58	-	-	-	-	-	-	-	0,21
IBOV	10,82	-1,86	-0,18	0,98	-0,86	-	-	-	-	-	-	-	8,69
2018	7,57	3,91	4,49	1,43	-11,58	-3,90	12,26	-13,88	3,82	29,14	-0,89	1,57	31,33
IBOV	11,14	0,52	0,01	0,88	-10,87	-5,20	8,87	-3,21	3,47	10,19	2,38	-1,81	15,03
2017	9,83	18,49	-3,49	-4,27	-16,92	-1,22	25,57	18,68	5,31	-2,83	-3,17	13,27	65,01
IBOV	4,62	3,08	-2,52	0,64	-4,12	0,30	4,80	7,46	4,88	0,02	-3,15	6,16	23,60

Figura 6 – Gráfico de Rentabilidade Alaska Black FIC FIA II

Fonte: [Site orama.com.br](http://Siteorama.com.br) (2019)

Analisando a recomendação para opções mais arrojadas do economista Espírito Santo (2019), é possível visualizar também o fundo de ações Polo Long Bias. De acordo com o economista, os fundos da categoria *Long Biased* são mais indicados pela flexibilidade com que podem neutralizar a exposição ao risco sistemático, se houver deterioração de perspectivas. O fundo recomendado pelo mesmo, o Polo Long Bias, entregou 45,35% de rentabilidade e 12% de volatilidade no ano passado e foi reconhecido exatamente por esse movimento: mesmo em um ano de eleições com muita volatilidade, como consta na tabela abaixo:

Rentabilidade do fundo

%	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
2019	8,57	-1,40	-5,92	-4,00	-1,82	-0,77	-	-	-	-	-	-	-5,81
IPCA + Y IMA-B	0,67	0,73	1,03	0,88	0,45	-0,77	-	-	-	-	-	-	3,02
2018	9,02	5,05	8,06	3,91	-0,37	2,12	1,72	-2,73	0,00	8,81	4,60	-1,36	45,35
IPCA + Y IMA-B	0,68	0,63	0,45	0,57	0,77	1,66	0,76	0,37	0,88	0,86	0,15	0,50	8,58
2017	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,34	-1,52	9,03	13,11
IPCA + Y IMA-B	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,67	0,64	0,81	2,14

Figura 7 – Gráfico de Rentabilidade Polo Long Bias

Fonte: [Site orama.com.br](http://Site.orama.com.br) (2019)

3. Metodologia

Para adentrar no tema e verificar se os universitários brasileiros seguem o mesmo padrão da média brasileira, foi realizada uma pesquisa quantitativo-descritiva para tentar encontrar características comuns dentro da amostra e poder verificar como esses investidores principiantes estão dando seus primeiros passos. Portanto, no momento da coleta dos dados, optou-se por uma pesquisa quantitativa e, neste intuito, foi montado um formulário para universitários das principais universidades do Rio de Janeiro (PUC, UERJ, UFRJ e FGV) e recém-formados de 2017 para frente. A pesquisa foi feita com auxílio da ferramenta Qualtrics em forma de formulário *online* e foi realizada no intervalo de duas semanas.

A principal **limitação** do estudo foi exatamente buscar não criar um viés na pesquisa e solicitar participações de grupos distintos e de diversos cursos. Realmente acaba sendo um desafio não criar um viés na pesquisa, considerando que a grande maioria desses estudantes não representa a realidade brasileira geral. Esse é um fato limitador e, por isso, a amostra será comparada principalmente com o estudo dos brasileiros que contam com renda residual.

4. Resultados

4.1. Demonstração dos Resultados

Para começar a pesquisa, foi perguntado o sexo para os participantes. Essa pesquisa quantitativa contou com 104 participantes, sendo 51 mulheres e 53 homens. A segunda pergunta questionava a renda mensal dos participantes para verificar se há possibilidade de investir, para a qual segue o resultado:

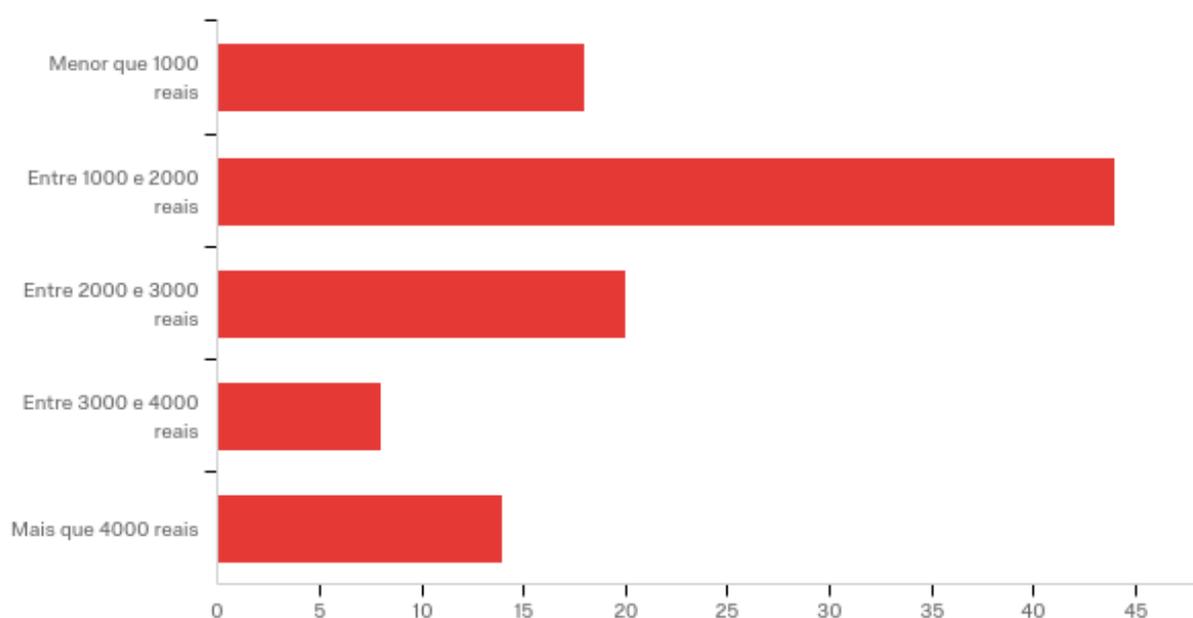


Tabela 1 – Renda mensal

Fonte: Elaboração própria

Com esse resultado, foi possível concluir que 17,31% dos universitários podem não ter condições para investir, considerando uma renda mais baixa (até um salário mínimo).

A terceira pergunta questionava quais produtos o entrevistado saberia reconhecer e diferenciar, como podemos verificar na tabela a seguir:

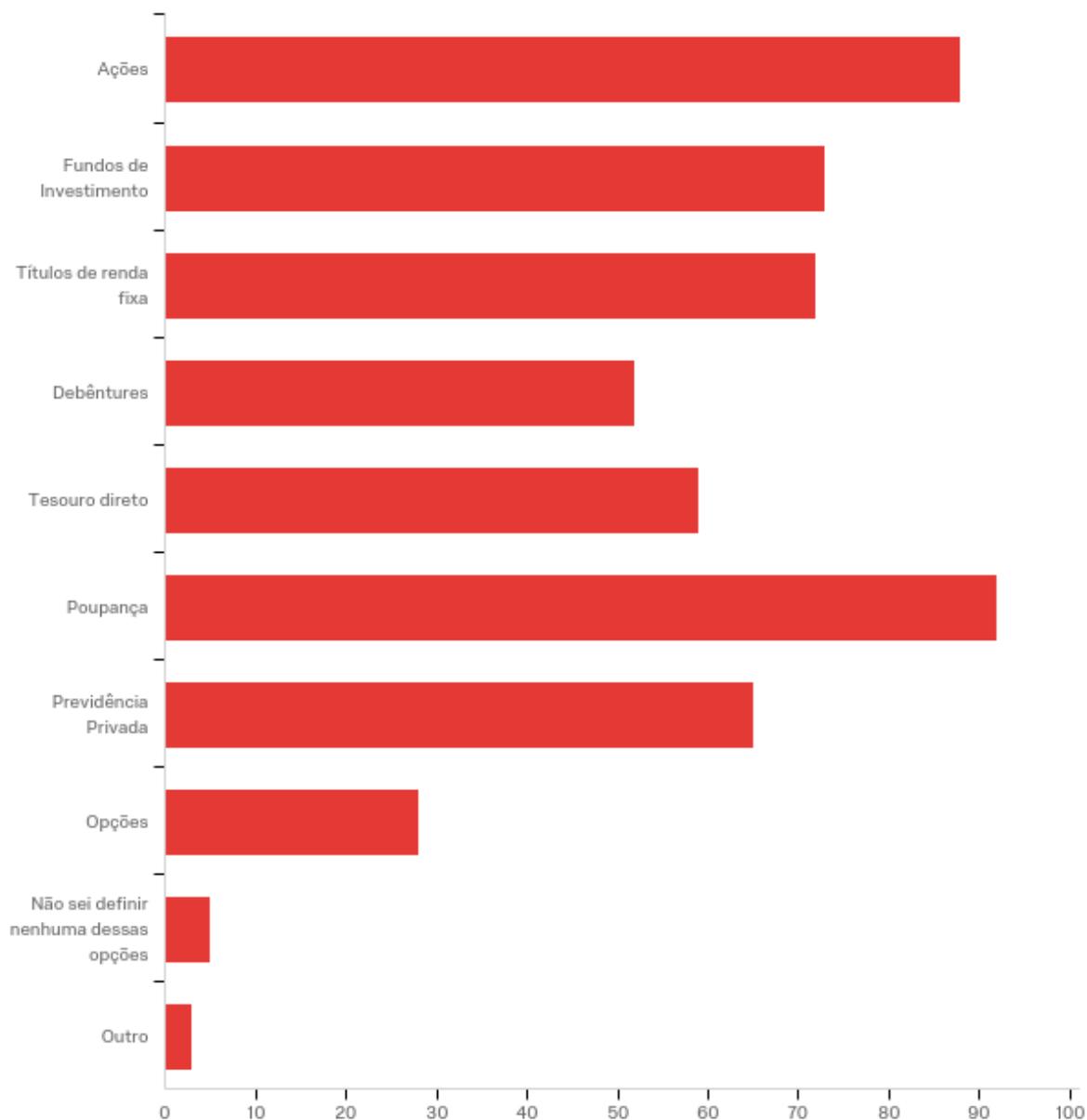


Tabela 2 – Produtos financeiros

Fonte: Elaboração própria

É possível concluir, como na pesquisa da Anbima, que o produto mais conhecido é a poupança. No caso dos universitários, ela é seguida por Ações, em segundo lugar, e Fundos de Investimento, em terceiro lugar, bem próximos a Títulos de renda fixa.

A quarta pergunta questionava quais participantes já investiram, e contou com a seguinte resposta:

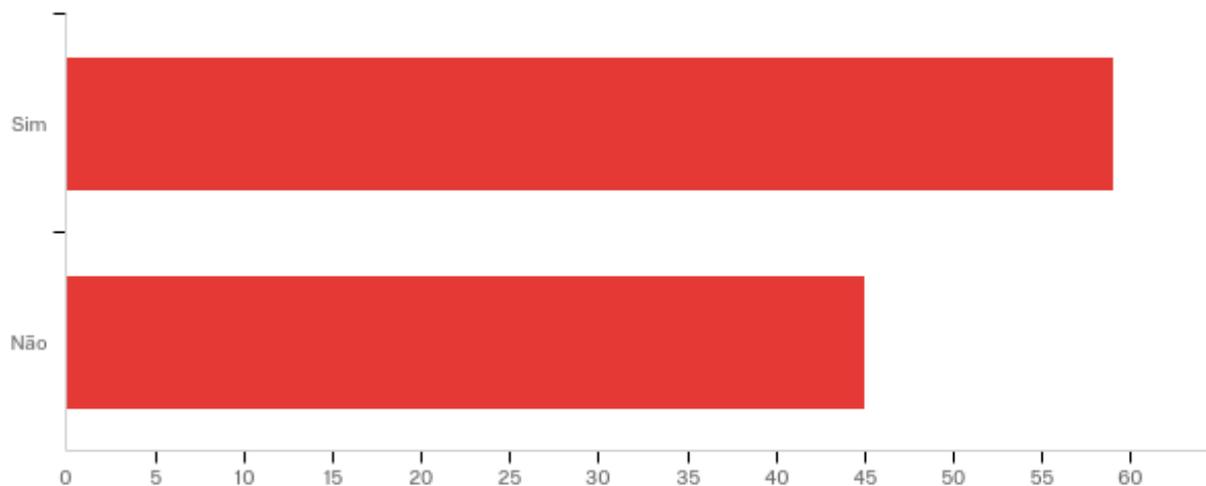


Tabela 3 – Investidores

Fonte: Elaboração própria

Em seguida, para os universitários ou recém-formados que já aplicaram, foram perguntados quais produtos escolheram, cuja resposta é apresentada adiante:

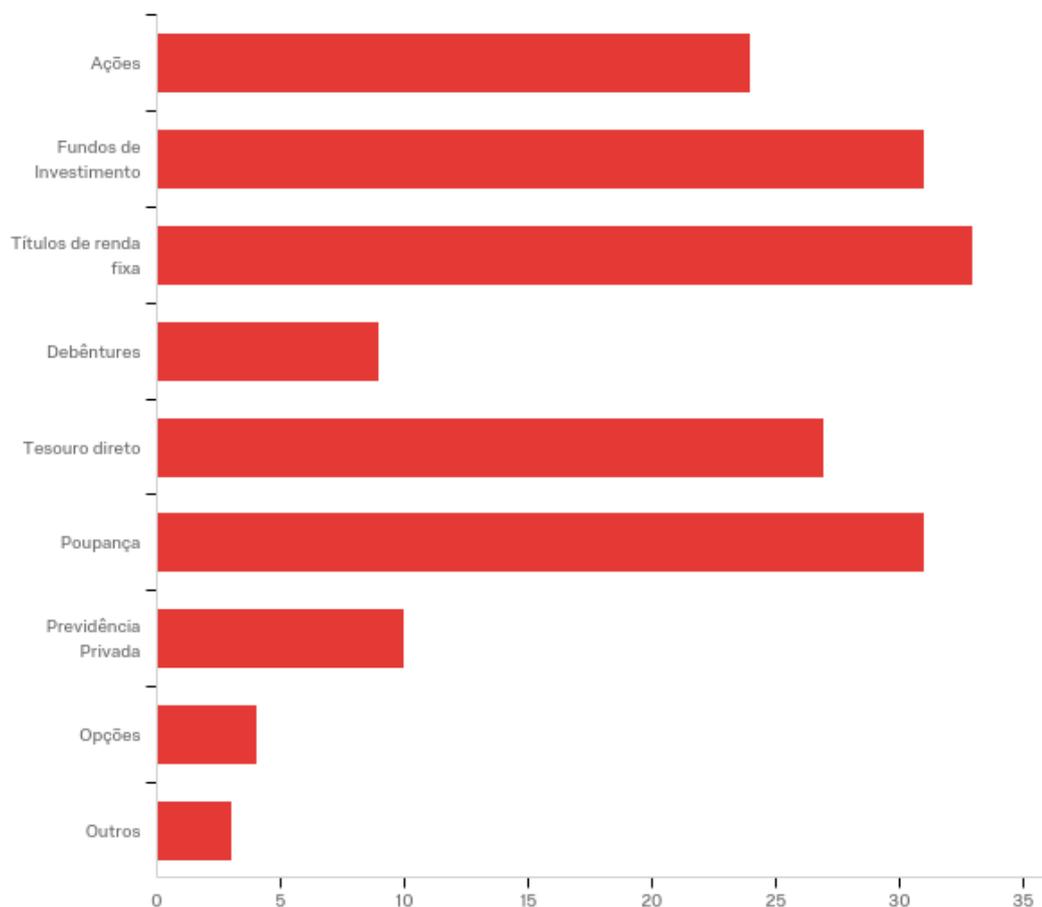


Tabela 4 – Aplicações

Fonte: Elaboração própria

Os tipos de investimento mais populares entre os entrevistados foram, em primeiro lugar, os títulos de renda fixa e depois, empatados e com pouca diferença para o primeiro, os fundos de investimentos e a poupança. No caso da Anbima, a poupança ganhou de forma disparada frente aos demais, porém a maior parte dos participantes informou que não investe ou não conhece os produtos, além de ser um público-alvo diferente.

Para as 45 pessoas que responderam “não”, foi questionada a razão desta atitude, apresentada abaixo:

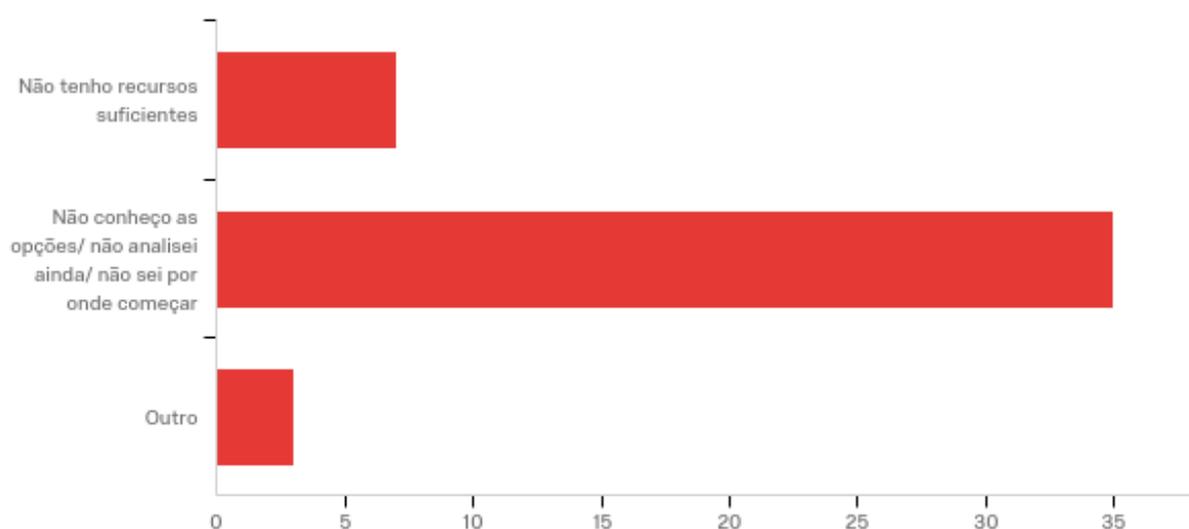


Tabela 5 – Motivo para não investir

Fonte: Elaboração própria

Portanto, somente 15,56% (sete participantes dos 45) não investem porque não têm recursos suficientes, mas a grande maioria (quase 78%) não realiza aplicações porque não conhece as opções, não analisou ainda as opções ou porque tem receio por não saber por onde começar.

Depois foi realizada uma pergunta para testar alguns conhecimentos básicos de mercado financeiro, com o objetivo de tornar possível entender as aplicações realizadas. Foram questionados quais dos conceitos abaixo era de conhecimento do entrevistado:

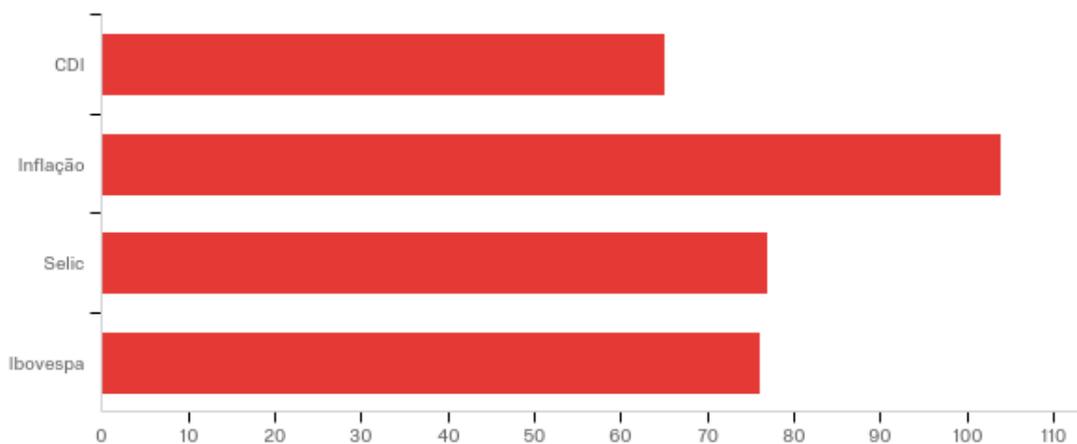


Tabela 6 – Conceitos

Fonte: Elaboração própria

Ficou evidente que a Inflação é conhecida por todos, literalmente os 100% dos participantes. Em segundo lugar ficou a Selic, bem próxima ao Ibovespa (ambos com mais de 70%), e por último o CDI, conhecido por pouco mais de 60% dos entrevistados.

Como na pesquisa da Anbima, foi perguntado, entre os que responderam “sim”, o que leva o investidor a aplicar:

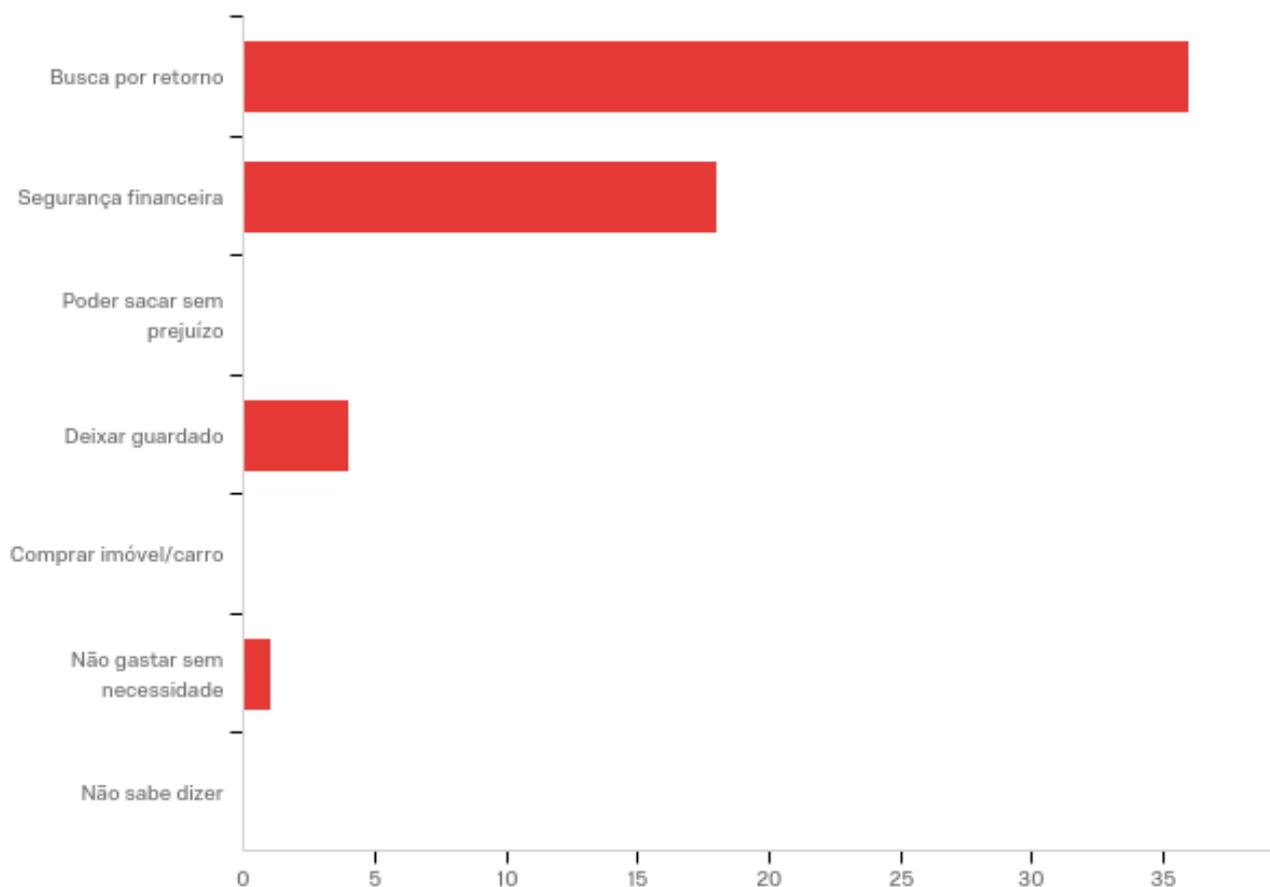


Tabela 7 – O que o leva ao investimento?

Fonte: Elaboração própria

Ficou evidente que a grande maioria busca retorno e, bem atrás (quase metade), segurança financeira. Este resultado diferiu bastante de uma pesquisa Datafolha/Anbima similar, citada no início deste trabalho, em que 54% apontaram segurança financeira e apenas 16% a rentabilidade como o principal motivo para investir.

Segue a nona pergunta, que foi uma unanimidade na pesquisa: “Acredita que no Brasil falta Educação Financeira nas escolas/faculdades”?

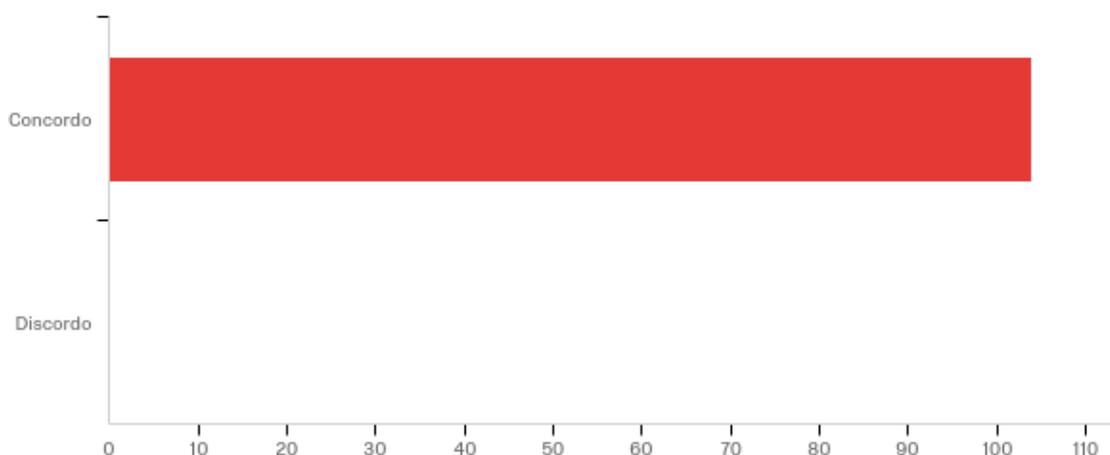


Tabela 8 – Falta educação financeira nas escolas/faculdades?

Fonte: Elaboração própria

Por fim, a última pergunta, que corroborou o fato acima, foi: “Sabe dizer quanto a poupança rende quando a Selic está menor que 8,5% como agora?”

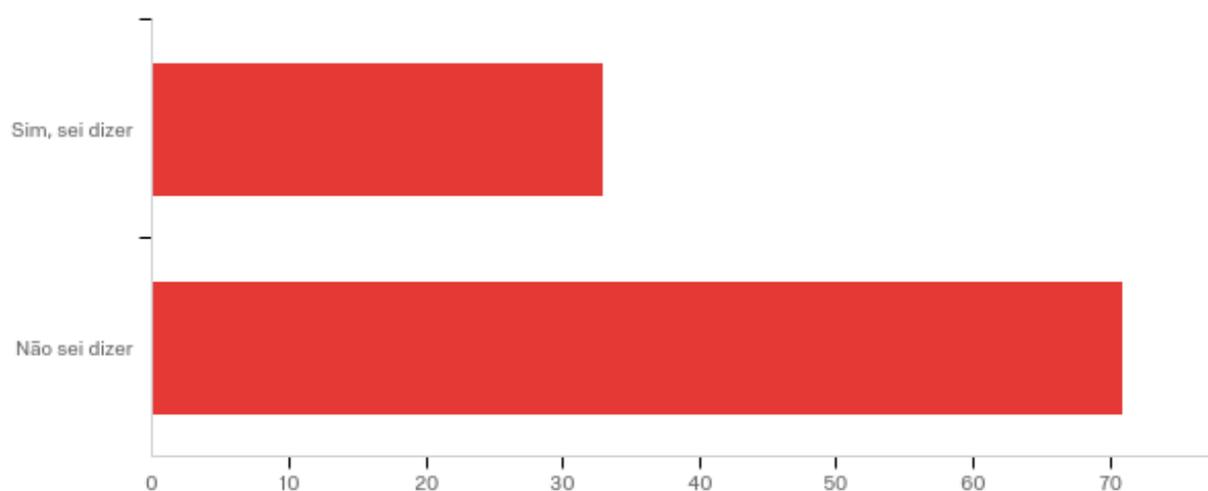


Tabela 9 – Quanto rende a poupança?

Fonte: Elaboração própria

Como pode se notar, a grande maioria não soube dizer quanto a poupança rende atualmente, confirmando a ausência de uma noção mais avançada de educação financeira entre os participantes.

4.2. Análise dos Resultados e Conexão com o Referencial Teórico

O primeiro ponto a ser enfatizado ao conectar ambas as pesquisas é exatamente que temos um fato marcante que se repete, que é o de todos conhecerem a poupança e poucos conseguirem dizer exatamente quanto ela rende. Comparando os 89% dos brasileiros investidores que já aplicaram na poupança, somente 24% da amostra sabe dizer quanto rende a poupança, e dentre os universitários, 52% já investiram na poupança e somente 33% da amostra sabe dizer exatamente quanto rendeu a poupança.

O segundo ponto pertinente a avaliar é que somente 15% dos universitários não investem porque não têm recursos suficientes. Portanto, corrobora o ponto ao qual a pesquisa da Anbima chegou, que é exatamente o fato de existir uma enorme parte da população que ainda não investe por não saber como dar os primeiros passos e por não conhecer as opções. Além disso, essa mesma população, na dúvida, ainda recorre à poupança que, como analisado no referencial teórico, é um tipo de investimento ultraconservador e é possível encontrar opções com rentabilidades melhores no mesmo nível de risco. Fica evidente que o percentual é menor no caso dos universitários, mas ainda é alto considerando a baixa rentabilidade apresentada pela alternativa.

Um ponto fundamental ao analisar a pesquisa é verificar que os jovens já visam alternativas à poupança com uma frequência maior. Como fica evidente no estudo, as alternativas mais escolhidas pelos jovens, excluindo a poupança, são exatamente os dois produtos propostos como foco do trabalho: os títulos de renda fixa e os fundos de investimento. Dois tipos de aplicação que facilitam o acesso do investidor e atualmente estão sendo facilmente comercializadas por diversas plataformas *online*.

O passado brasileiro deixou marcas fortes nos hábitos de investimentos. Principalmente quando se cita o “fantasma da inflação”, os brasileiros tendem a reforçar toda insegurança e acumular muitos recursos em opções com alta liquidez, como corroborado pelo referencial teórico. Além de também existir uma demanda reprimida pelo consumo de tantos anos de instabilidade econômica. Sendo assim, a poupança foi o investimento mais comum, devido ao nosso turbulento passado. Isso se evidencia na

questão sobre os conceitos, onde, para todos os entrevistados, a inflação é um tema conhecido, apesar de, nos demais conceitos básicos, os universitários ainda possuem certa indefinição.

Ao analisar o que os investidores buscam normalmente ao investir, pode-se notar uma diferença entre a pesquisa da Anbima, onde constava em primeiro lugar a prioridade pela segurança financeira, e no estudo dos universitários a prioridade foi a busca pelo retorno. É factível acreditar que “ser jovem” também ajuda para almejar um retorno maior, ao invés de priorizar a segurança financeira, mas de certa forma os universitários gostam da ideia de “colocar o dinheiro para trabalhar”, o que é algo positivo para o estímulo da educação financeira.

Um caso em comum que ambos os estudos compartilham é exatamente que os três produtos mais conhecidos são, respectivamente, poupança, ações e fundos de investimento. Porém, chama a atenção que, enquanto 77% dos entrevistados da pesquisa da Anbima afirmam conhecer ações, somente 1% da população investe efetivamente no produto. Se compararmos com o caso dos universitários, enquanto 84% dizem conhecer ações, cerca de 30% aplicam no produto. Realmente é um quadro otimista, considerando a realidade brasileira, mesmo ao avaliar a limitação natural (diferentes públicos-alvo) da pesquisa deste trabalho.

Outra comparação positiva é que, enquanto 42% dos brasileiros investem em algum produto financeiro, no caso dos universitários totalizam cerca de 57%.

Por fim, uma unanimidade de suma importância foi o fato de todos os entrevistados acreditarem que falte educação financeira nos centros de ensino.

5. Conclusões

Ao considerar a análise apresentada, fica evidente o perfil conservador dos brasileiros e o receio gerado pelo histórico inflacionário de nosso país. A grande maioria não investe e, quando investe, opta majoritariamente pela poupança, que é uma escolha bem pouco atrativa em termos de rentabilidade. A razão para não investir ou optar pela poupança é fundamentalmente a falta de educação financeira. Como demonstrado, o ideal seria montar uma carteira diversificada com opções de níveis de risco diferentes e buscar equilibrar o tripé dos investimentos (risco x liquidez x rentabilidade), de acordo com a necessidade e perfil dos investidores. Para dispor dessa distribuição, atualmente é possível montar um portfólio com títulos de renda fixa e fundos de investimentos dos mais diversos, conforme analisado neste trabalho.

A pesquisa quantitativa utilizada foi realizada em forma de formulário e passada para alunos e recém-formados de diversas faculdades, com o intuito de conhecer melhor essa amostra para compará-la com a população geral. Assim, ao confrontar a pesquisa dos universitários com a da Anbima, pôde-se notar alguns traços positivos, como principalmente o fato de a poupança não ter sido o produto mais utilizado, mas sim os títulos de renda fixa, por exemplo. Além deste ponto, os universitários visaram maiores retornos ao aplicar, e não somente a segurança financeira, fato que demonstra estarem buscando se informar melhor e dispostos a conhecer mais profundamente o mercado financeiro para atingir seus objetivos. De qualquer modo, ainda existe um grande percentual que não aplica, e para aqueles que o fazem, ambas as pesquisas reforçaram os problemas vigentes na questão da educação financeira. Na pesquisa quantitativa, ressaltou-se a falta de informação, quando muitos não sabem dizer a rentabilidade da poupança, mesmo com um alto percentual aplicado nela, por exemplo, ou até mesmo quando muitos não conseguem definir produtos e conceitos financeiros básicos.

Dessa forma, comprovou-se, através deste estudo, o comportamento dos brasileiros e a necessidade de uma educação financeira mais presente, tanto nas escolas quanto nas faculdades – como corroborado por todos os participantes das entrevistas –, para assim planejar e contar com maior conforto financeiro futuro.

6. Referências Bibliográficas

ANBIMA – Disponível em:

http://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/raio-x-do-investidor-poupanca-tem-preferencia-entre-a-populacao-mas-maioria-nao-conhece-seu-rendimento.htm

Acesso em 05/12/2018

ANBIMA – Disponível em:

http://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/menos-da-metade-dos-brasileiros-tem-dinheiro-aplicado-em-produtos-financeiros.htm

Acesso em 05/12/2018

ANBIMA – Disponível em:

http://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2018.htm

Acesso em 05/12/2018

BONA, André. *Liquidez, Segurança e Rentabilidade: Tripé dos Investimentos*. Coluna BTG PACTUAL DIGITAL – Disponível em:

<https://www.btgpactualdigital.com/blog/coluna-andre-bona/liquidez-seguranca-e-rentabilidade-o-tripe-dos-investimentos>

Acesso em 06/12/2018

BTG PACTUAL DIGITAL – Disponível em:

<https://www.btgpactualdigital.com/blog/investimentos/poupanca/rendimento-da-poupanca>

Acesso em 06/12/2018

EA Certificações: Apostila CPA-20 – FEV, 2018 – Disponível em:

<https://ead.edgarabreu.com.br/materiais>

Acesso em 05/12/2018

Exame – Disponível em:

<https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/como-e-onde-investir-para-ter-uma-reserva-de-emergencia/>

Acesso em 27/05/2019

Mais Retorno – Disponível em:

<https://maisretorno.com/fundo/exploritas-alpha-america-latina-fic-fim>

Acesso em 06/05/2019

MOREIRA, Eduardo. Investir é Para Todos. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013

NETO, Alexandre Assaf. Mercado Financeiro. 14ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2018

Órama Investimentos – Disponível em:

<https://www.orama.com.br/investimentos/fundos-de-investimento/alaska-black-fic-fia-ii--bdr-nivel-i>

Acesso em 06/12/2018

Órama Investimentos – Disponível em:

<https://www.orama.com.br/investimentos/fundos-de-investimento/Bahia-AM-FIC-FIM>

Acesso em 06/12/2018

Órama Investimentos – Disponível em:

<https://www.orama.com.br/investimentos/fundos-de-investimento/Orama-DI-Tesouro-FIRF-Simples-LP>

Acesso em 06/12/2018

Órama Investimentos – Disponível em:

<https://www.orama.com.br/investimentos/titulos-renda-fixa>

Acesso em 07/12/2018

Órama Investimentos – Disponível em:

<https://www.orama.com.br/investimentos/fundos-de-investimento/exploritas-alpha-america-latina-fic-fim>

Acesso em 06/05/2019

Órama Investimentos – Disponível em:

<https://www.orama.com.br/investimentos/fundos-de-investimento/Bahia-AM-FIC-FIM>

Acesso em 06/05/2019

Órama Investimentos – Ebook Cenários e investimentos para 2019 - Disponível em:
<https://www.orama.com.br/aprenda-investir>

Acesso em 06/04/2019

UOL – Disponível em:
<https://economia.uol.com.br/financas-pessoais/noticias/redacao/2019/03/15/fundo-di-com-taxa-zero.htm>

Acesso em 07/05/2019

Valor Investe – Disponível em:
<https://valorinveste.globo.com/educacao-financeira/noticia/2019/04/19/analise-fundamentalista-x-tecnica-qual-a-melhor-estrategia-para-investir.ghtml>

Acesso em 06/05/2019